

29 JUN 1998

# Como se fazia um governador

JORNAL DE BRASÍLIA

O senador José Sarney e o governador Pedro Neiva de Santana, juntos, controlavam mais de 90% da Arena do Maranhão, em 1974. E indicaram ao presidente Ernesto Geisel, para governador, o senador Alexandre Costa.

Geisel mandou conversar com Petrônio Portela, presidente do Senado e procônsul do Palácio do Planalto para a escolha dos governadores. Petrônio pediu outros nomes. Sarney e Pedro Neiva fizeram a lista: Alexandre Costa, deputado João Castelo e Francisco Batista, presidente da Cia. de Águas e Esgotos.

Depois, a lista ainda foi ampliada para somar mais forças políticas: senador Clodomir Millet, deputados Eurico Ribeiro e Acrísio Viegas, secretário Alfredo Dualibi, coronel Paulo Maranhão Aires. Era candidato demais para um Maranhão só.

Petrônio levou a lista para Geisel, que escolheu Oswaldo da Costa Nunes Freire, que, como o J. Pinto Fernandes do poema de Drummond, "não tinha entrado na história", mas foi quem casou com a Lili, "que não amava ninguém".

Médico, secretário de Saúde, deputado federal, Nunes Freire sabia a confusão em que estava entrando:

- Minha situação é a do bode que está sendo puxado para dentro da canoa. No fundo, preferia não ter sido escolhido.

No dia seguinte, o senador Vitorino Freire, inimigo de Sarney, publicou esta nota no "Jornal Pequeno", de São Luís:

- "Os que iludiram e tapearam o povo com afirmativas categóricas de que o governador só sairia da lista fechada que impuseram, que se expliquem com o povo maranhense. O consenso de 98%, de 100%, evaporou-se, porque ninguém intimida a Revolução nem seu grande chefe, que é o general Geisel. E é só".

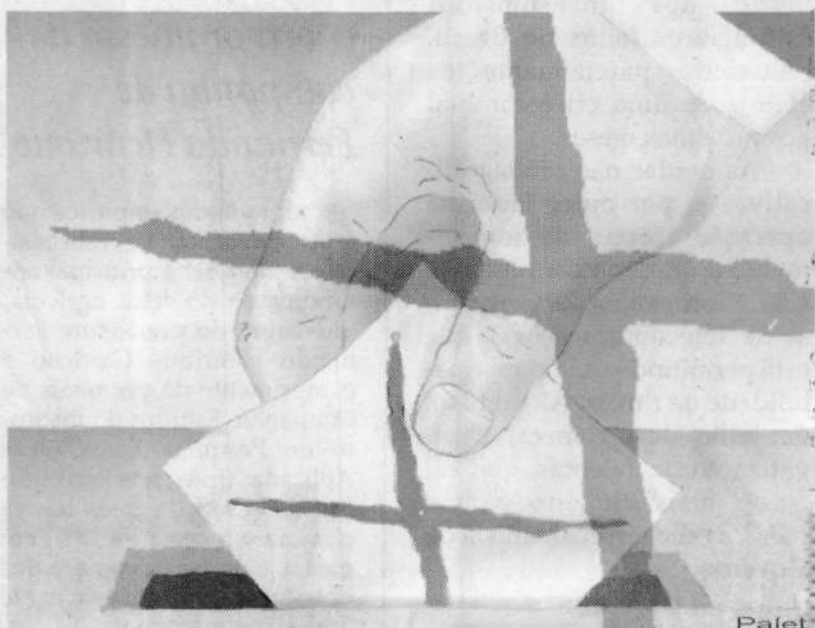
Para Geisel, Vitorino, sozinho, valia mais que a Arena inteira. E ainda pôs o filho Luís Fernando Freire como suplente do senador da Arena, Henrique La Roque.

(A "Veja", como agora, fez então uma matéria de capa sobre os negros de sucesso no Brasil. Mandou ouvir o acobocladado governador Nunes Freire, que se negou:

- Não falo, porque não sou negro. Sou um amazônida).

## Maranhão, campeão nacional

Na eleição de 74, o Maranhão foi um triste campeão mundial: foi o único estado em que a oposição não teve candidato a senador (ganhou em 16 e perdeu em 6). E o MDB elegeu apenas um deputado federal, com seus ca-



Palet

belos pretos rigorosamente penteados, os bigodes britanicamente aparados, parecido com Jânio Quadros, o atual senador Epitácio Cafeteira, que em 74 justificava porque não tinha disputado o Senado:

- "O problema do Maranhão não é de voto, é de aritmética. Na hora de somar, não dá. Todo mundo sabe que eu ganhei as eleições de 70 para senador. Ganhei, mas não levei. Cheguei a provocar o Tribunal Regional Eleitoral para eles me processarem e, assim, eu pudesse provar minha vitória. Não tomaram conhecimento. No Maranhão, nunca ninguém foi até hoje punido por crime eleitoral. Lá não há crime eleitoral".

Eram 675.393 eleitores. O senador da Arena teve 295.329 votos. 380 mil anularam.

## Como se elegia um senador

No dia 11 de setembro de 1974, Roberto Saturnino Braga, engenheiro, 43 anos, professor de Análise de Projetos da Escola de Economia da Universidade Federal Fluminense e chefe do Departamento Econômico do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, ainda sem o "S" mentiroso de "Social"), estava fazendo uma conferência, à noite, na Universidade de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), quando recebeu um telefonema do senador Amaral Peixoto, convidando-o a ser candidato a senador pelo MDB do (antigo) Estado do Rio.

Aceitou. O candidato Afonso Celso Ribeiro de Castro, ex-deputado, tinha tido um problema cerebral e não podia continuar a campanha. Os primeiros lembrados para substituí-lo (ex-ministro Brígido Tinoco, José Silveira, irmão do ex-governador Roberto Silveira) não aceitaram. Ninguém acreditava, ninguém quis. Saturnino topou.

Já tinha sido deputado fede-

ral pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) em 1962. Em 1966, teve a candidatura à reeleição impugnada pelos militares, brigou na Justiça, perdeu no Tribunal Regional Eleitoral, ganhou no Tribunal Superior Eleitoral, mas só faltavam duas semanas para as eleições. Ainda teve 14 mil votos no MDB. Em 74, convidado para disputar de novo a Câmara Federal, não aceitou:

- A campanha para deputado era muito desgaste. Para senador era diferente. O tempo de televisão era maior, permitia dizer coisas, levar uma mensagem que eu queria levar. Não tinha esperança de vencer, mas esperava fazer uma boa campanha.

Voltou de Mato Grosso e três dias depois abriu a campanha na televisão. Foi um sucesso no Estado do Rio e do outro lado da ponte, na Guanabara. O tom direto, objetivo, despojado, quase simplório, sempre sorridente e falando pausado, devagar, didaticamente, com que tratava os assuntos mais sérios da economia, conquistou a opinião pública. Delfim Netto, ministro poderoso da Economia, declarou aos jornais:

- O Saturnino devia disputar pela Guanabara. É o melhor candidato a senador do MDB que vi na televisão, apesar das farpas, com que diariamente me distinguia.

Teve 853.772 votos. O candidato da Arena, marechal, ex-governador e presidente do Senado, Paulo Torres, 482.976.

(Agora, 24 anos depois, já não há o Estado do Rio. Ele e a Guanabara viraram o Rio de Janeiro. E de lá vem a notícia de que o Palácio do Planalto quer eleger senador o deputado Roberto Carlos do PPB, o empresário Márcio Fortes, do PSDB, ou o deputado Moreira Franco, do PMDB, servil, como, em 74, a Arena pensou que ia eleger o marechal Paulo Torres. E mais uma vez o Rio deve eleger um grande senador, como em 74: Saturnino Braga, do PSB).